

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

The process of journalistic investigation in
the Amazon: a study on the investigative
journalism nucleus of Rede Amazônica

El proceso de investigación periodística
en la Amazonia: un estudio sobre el
núcleo de periodismo de investigación de
la Rede Amazônica



Marcelo Fernando Pereira Moreira

marcelomoreirama.contato@gmail.com

Bacharel em Comunicação Social -

Jornalismo pelo Centro Universitário Fаметro

Cleiciane Maia Ferreira

cleicimaia@yahoo.com.br

Mestra em Letras e Artes pela Universidade
do Estado do Amazonas (UEA)

Enviado em: 18/02/2024

Aceito em: 23/02/2024

DOI: 10.46952/rebej.v13i31.1211

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo entender de que forma ocorre o processo de investigação jornalística na Região Amazônica do Brasil. Para isso, será utilizado o método qualitativo estudo de caso para analisar os trabalhos jornalísticos produzidos pelo núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica, emissora afiliada à Rede Globo. Este estudo está delimitado na descrição de pautas desenvolvidas nos estados do Amazonas e Roraima. A análise principal desta pesquisa está centrada na reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, exibida no programa Fantástico em 14 de novembro de 2021. Este trabalho conseguiu evidenciar os desafios de operação do jornalismo investigativo na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo investigativo. Ensino de Jornalismo. Amazônia. Povos Indígenas.

ABSTRACT

The present research aims to understand how the process of journalistic investigation occurs in the Amazon Region of Brazil. To this end, the qualitative case study method will be used to analyze the journalistic works produced by the investigative journalism nucleus of Rede Amazônica, a broadcaster affiliated with Rede Globo. This study is limited to the description of guidelines developed in the states of Amazonas and Roraima. The main analysis of this research is centered on the report “Yanomami children suffer from malnutrition and lack of medical care”, shown on Fantástico program on November 14, 2021. This work managed to highlight the challenges of operating investigative journalism in the Amazon.

KEYWORDS

Investigative journalism. Teaching Journalism. Amazon. Indian people.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo comprender cómo ocurre el proceso de investigación periodística en la Región Amazónica de Brasil. Para ello, se utilizará el método de estudio de caso cualitativo para analizar los trabajos periodísticos producidos por el núcleo de periodismo de investigación de la Rede Amazônica, emisora afiliada a la Rede Globo. Este estudio se limita a la descripción de directrices desarrolladas en los estados de Amazonas y Roraima. El principal análisis de esta investigación se centra en el reportaje “Niños yanomami sufren desnutrición y falta de atención médica”, presentado en el programa Fantástico el 14 de noviembre de 2021. Este trabajo logró visibilizar los desafíos de operar el periodismo de investigación en la Amazonía.

PALABRAS CLAVE

Periodismo de investigación. Periodismo docente. Amazonas. Gente India.

1 INTRODUÇÃO

Na presente abordagem sobre o jornalismo investigativo, primeiramente entenderemos como ocorre sua prática e como ela influencia as decisões tomadas diante de situações expostas no meio social. Também analisaremos de que forma podemos distinguir o jornalismo investigativo do jornalismo convencional. Além disso, na segunda parte deste trabalho, trabalharemos com a sua delimitação, tratando especificamente sobre o modo de operar o jornalismo investigativo na Amazônia.

Como objetivos desta pesquisa, no âmbito geral, buscaremos identificar a definição de jornalismo investigativo e quais os registros mais antigos da prática investigativa no jornalismo brasileiro e destacaremos como ocorre o relacionamento com as fontes no jornalismo investigativo, além de descrever como acontece a apuração e o que significa a humanização. Já no âmbito específico, o objetivo é abordar um panorama geral sobre o jornalismo investigativo na Amazônia. E para fazermos o estudo que se pretende, abordaremos, por meio do método de estudo de caso, o trabalho do núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica, emissora afiliada à Rede Globo, por meio da reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”.

O recorte deste estudo está centrado nos estados do Amazonas e Roraima, historicamente afetados por diversos crimes ambientais, como desmatamento, abertura de garimpos ilegais, queimadas, e falta de assistência e proteção a comunidades indígenas que vivem nessas terras.

2 BUSCANDO CONCEITOS E O MARCO ZERO

2.1 PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS

Nascimento (2010, p. 31) afirma que boa parte das reportagens investigativas começou a ser registrada nos Estados Unidos nos séculos XVII e XVIII. De acordo com o autor, naquela época o jornalismo investigativo atacava a corrupção e outras mazelas de autoridades, e cumpria a função de “revelar crimes econômicos e injustiças sociais”.

Durante as duas guerras mundiais, o jornalismo investigativo ficou enfraquecido e voltou com força em 1969, quando acontecia a Guerra do Vietnã. Sequeira (2005, p. 11) complementa que na Guerra do Vietnã os jornalistas norte-americanos se posicionaram contra o governo e passaram a fazer reportagens com críticas a políticos, sendo que muitas dessas reportagens foram publicadas, mas, segundo Sequeira, não obtiveram muito prestígio. Nesse período, algumas instituições foram criadas com o objetivo de facilitar a prática jornalística investigativa, conforme explanado na aba “sobre nós” do site do *Fund for Investigative Journalism*.

Em 1972, o caso *Watergate*, nos Estados Unidos, resultou na renúncia do então presidente Richard Nixon. A partir desse evento, o jornalismo investigativo ganhou força no mundo. Já em 1975, foi criada a *Investigative Reporters and Editors Inc* (IRE), que tem, até os dias atuais, a função de apoiar o jornalismo investigativo, especificamente os profissionais que se dedicam a essa área.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

No Brasil, o início da produção de reportagens investigativas também é incerto, e não há um estudo ou um levantamento fiel sobre isso. Mas Sodré (1999, p. 416) diz que em 1923 uma reportagem se destaca no jornal Correio da Manhã: seria o conhecido “caso do colar”, em que o jornal acusava o presidente da República Epitácio Pessoa de ter sido conivente e aceitado um colar que teria oferecido à sua esposa com a intenção de, em troca, revogar decretos que prejudicavam a exportação de açúcar.

Fortes (2005, p. 6) menciona que, no Brasil, o jornalismo investigativo só ganhou destaque após a ditadura militar, que ocorreu no período de 1964 a 1985, tendo como uma das características a forte censura da imprensa. Sequeira (2005, p. 12) afirma que em 1976 houve um certo “enfrentamento” do jornal Estadão para com autoridades do alto escalão. Uma série de reportagens do jornal revelou a mordomia de muitos funcionários e ministros de governo.

A redemocratização, em 1985, fez ressurgir o jornalismo investigativo nas redações brasileiras e foi fundamental para denunciar as irregularidades ocorridas no governo de Fernando Collor de Mello, entre 1990 e 1992. Para Fortes (2005, p. 6), “o impeachment de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil”.

Com o objetivo de fortalecer a área do jornalismo investigativo no Brasil, surge, em 4 de setembro de 2002, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – a Abraji –, que, assim como as organizações estadunidenses citadas neste estudo, passou a apoiar a investigação protagonizada por jornalistas. No manual da UNESCO para jornalistas investigativos, que tem como título “A investigação a partir de histórias”, o diretor da instituição, Jānis Kārklīņš, destaca a democracia como princípio do jornalismo investigativo. Sobre a definição de jornalismo investigativo, temos:

É ouvir mil pessoas se for o caso para ver se a notícia procede. Exemplo: se o Conselho Nacional de Justiça determina que os Tribunais de todo o país demitam os parentes de juízes e desembargadores é só isso que a gente vai publicar? Não. Vai atrás da lista de parentes, vai cruzar sobrenomes, vai cobrar o poder judiciário o cumprimento da determinação. Investigar, ir além da notícia (Albuquerque, 2005).

Nascimento (2010, p. 60) diferencia o jornalismo investigativo, em que a investigação parte do repórter, do jornalismo sobre investigações, em que a investigação parte de alguma fonte oficial e apenas é transmitida pelo repórter. Sequeira (2005, p. 15) afirma que o jornalismo investigativo é exercer o jornalismo por um ângulo diferenciado, é estabelecer métodos, estratégias para operar, garantindo o olhar dos jornalistas responsáveis pela investigação.

2.2 A PRÁTICA INVESTIGATIVA NO JORNALISMO

O relacionamento com as fontes é algo que deve ser primordialmente considerado no jornalismo investigativo, pois é por meio delas que a pauta consegue ser desenvolvida. Quando o jornalista investigativo está diante de um acontecimento ou da suspeita de um acontecimento, pode-se partir pela criação de hipóteses. “Você cria uma afirmação daquilo que pensa que a realidade é, com base nas melhores informações de que você dispõe” (Hunter, 2013, p. 18).

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

Hunter (2013, p. 35-36) sugere que todas as informações encontradas na verificação com “fontes abertas” sejam devidamente entendidas, pois são retiradas de meios que possuem linguagens próprias, e, possivelmente, difíceis de compreender. Ademais, alerta que o processo de investigação no jornalismo deve começar pela ampla visão do contexto abordado, contemplando fontes e meios de fácil acesso. Com o amadurecimento da verificação, o caminho tornar-se-á cada vez mais difícil. No entanto, com a experiência, todas as decisões e todas as pistas virão com maiores certezas.

Lage (2001, p. 27) organiza um grupo de fontes, diferenciando-as em oficiais, oficiosas e independentes. Todas as informações são válidas, mas devem passar por um “crivo jornalístico” com o objetivo de verificar o que pode contribuir para o prosseguimento da investigação. Algumas medidas, segundo o autor, devem ser tomadas para preservar a fonte, como, por exemplo, estabelecer uma comunicação por meios seguros.

Em seguida, é importante que as anotações feitas sobre informações repassadas por essas fontes não contenham o nome delas, inclusive, pode-se criar códigos para se referir a elas. E, claro, todas as informações coletadas com as fontes devem estar seguramente guardadas. Ademais, um item essencial nessa abordagem é a chamada “entrevista”. Lage (2001, p. 32) relaciona os diferentes tipos de entrevista, e as classifica como “rituais, temáticas, testemunhais, em profundidade, ocasionais, confrontos, coletivas e dialogais”.

Pereira Junior (2009, p. 67-92) defende o planejamento da pauta e da apuração, logo, percebemos, mais uma vez, que a construção de uma reportagem investigativa demanda tempo. Após a etapa da verificação, o manual da UNESCO para jornalistas investigativos dá início a uma nova fase na investigação: a organização. Primeiramente, é necessário compreender a importância de organizar as ideias durante investigação de um caso no jornalismo.

O repórter tem o papel de interpretar os fatos contados e apresentar um relato jornalístico. Essa é uma fase que exige dedicação do repórter, para que o objetivo da pauta investigativa seja alcançado. Após a redação, é preciso checar todas as informações. É um novo processo de verificação, mas, agora, com tudo pronto.

A verificação dos fatos narrados na reportagem investigativa é uma etapa importante também para avaliar a ética dos jornalistas investigativos envolvidos no trabalho. Em seguida, com tudo pronto, Hunter (2013, p. 85) define que é o momento de publicar. Essa é, digamos, a “etapa final” do trabalho investigativo. Claro que na prática podem haver muitos acontecimentos após a publicação ou exibição do material. A repercussão pode ser inevitável, e toda a equipe que contribuiu para o desenvolvimento do trabalho precisa estar atenta ao que virá.

Tabela 1

Etapas de investigação jornalística, segundo o manual da UNESCO para jornalistas investigativos.

1. Hipótese;
2. Verificação com fontes abertas;
3. Verificação com fontes humanas;

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

4. Entrevistas;
5. Organização;
6. Redação;
7. Verificação dos fatos narrados;
8. Publicação.

Pereira Junior (2009, p. 78), por sua vez, expõe um esquema que mostra os passos de uma investigação jornalística. O primeiro é a “elaboração da pauta”, em que se tem a pista inicial, a sondagem inicial e preparação da pauta. É o primeiro contato com os documentos e com as informações que podem sustentar a investigação.

Tabela 2

Êtapas de investigação jornalística (A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa).

1. Elaboração da pauta;
2. Pré-produção;
3. Produção;
4. Pós-produção.

Pereira Junior trata sobre a humanização das fontes como algo fundamental para o desenvolvimento de uma reportagem no jornalismo. Segundo o autor, a prática de humanizar está relacionada a enxergar os personagens como retratos de um cenário social. É não ser superficial e técnico. Humanizar é verificar todo o contexto abordado com fontes que, de fato, retratam a realidade. Ao mesmo tempo, deve-se ter o cuidado em promover a reflexão.

Alguns trabalhos de jornalismo investigativo no Brasil são realizados por um jornalista só, um jornalista independente – ou repórter investigativo –, o que é possível, mas muito arriscado, devido à violência contra a classe jornalística. Conforme reportagem do jornal Extra (2020), um dos casos mais conhecidos é o do jornalista Tim Lopes, que foi torturado e morto em uma região periférica do Rio de Janeiro em 2002.

Segundo a Abraji, de janeiro a setembro de 2022, foram registrados 353 alertas de violência contra jornalistas. Desse total, 81 foram de casos graves, ou seja, envolvendo danificação de equipamentos de equipes de imprensa, ameaças a profissionais da área e até assassinatos. É um aumento de 32,7% na comparação com o mesmo período de 2021, quando foram registrados pela entidade 61 ocorrências.

2.3 JORNALISMO INVESTIGATIVO NA AMAZÔNIA

O jornalismo investigativo mostra-se um instrumento participante na execução da sua função na Amazônia, uma das regiões do mundo submetidas a intensos conflitos causados, principalmente, pela disputa de territórios e pelo avanço de

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

atividades como garimpo ilegal, extração ilegal de madeira, pesca ilegal, ameaças, produção do medo, do terror e de mortes de ativistas que se rebelam contra esse tipo de sistema. Estas são algumas práticas que avançam cada vez mais e demonstram a ausência do Estado e de suas políticas de proteção ambiental.

Em uma de suas muitas missões na Amazônia, Losekann (1999, p. 29) fala sobre a falta de apoio de autoridades brasileiras para com jornalistas que cobrem a região. O jornalista da TV Globo fora enviado a Porto Velho (RO) em 1991 para verificar como andavam as investigações sobre o assassinato do senador Olavo Pires. No entanto, Losekann acabou precisando estender sua viagem à Região Amazônica por conta de um factual: acontecia um protesto de garimpeiros de Roraima por causa da derrubada de um dos aviões deles que iria distribuir alimentos para garimpeiros na selva amazônica.

Losekann (1999, p. 27-39) mostra evidências sobre as dificuldades de operacionalizar o jornalismo investigativo na Amazônia, causadas, principalmente, pelos gargalos de logística e pelos problemas de comunicação gerados pela insuficiência tecnológica, e também traz relatos de como a falta de infraestrutura para se fazer jornalismo na Amazônia dificultava o trabalho, a apuração e todo o processo do jornalismo investigativo.

A jornalista Lígia Scalise, em uma transmissão ao vivo no perfil @jornalismoinvestigativo9, no Instagram, relata os bastidores de uma série produzida por ela junto à equipe da produtora DOC Filmes e da emissora CNN Brasil, e que trata dos 50 anos da rodovia transamazônica. Scalise mostra que a falta de conexão à internet é um dos maiores desafios enfrentados pelos jornalistas nessas áreas de difícil acesso, em paralelo, obviamente, aos gargalos de transporte e à sensação de insegurança.

O *Committee to Protect Journalists* (CPJ) diz que é indispensável a presença de alguém que conheça a área investigada. Também é importante considerar a segurança quando há a comunicação entre o jornalista e a fonte, isto é, certificar-se se a comunicação está ocorrendo por um meio seguro e criptografado de ponta a ponta. O CPJ alerta, ainda, que quem lida com o jornalismo investigativo está vulnerável a sanções, e na Amazônia estamos falando de grandes empresas que podem processar o jornalista.

Em entrevista ao CPJ, o jornalista Daniel Camargos, que atua na cobertura de meio ambiente e conflitos de campo, relata que cobrir a Amazônia não é simplesmente entrar na floresta, afinal, são muitos riscos envolvidos e, portanto, todas as decisões devem ser tomadas com bastante cautela, e o rigor deve prevalecer no ato jornalístico. O jornalista ainda conta que, quando reportava um conflito de terras em Rondônia, foi ameaçado com uma arma apontada para a cabeça dele.

A “terra sem lei”, como diz o jornalista, está cheia de pessoas dispostas a invadir a floresta e colocar em risco os direitos de quem nela habita, no caso, os povos originários. Segundo o CPJ, entre os anos de 2009 e 2019, ao menos 13 jornalistas foram mortos por trabalharem com o tema da Amazônia.

2.4 REDE AMAZÔNICA: O NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

A Rede Amazônica é uma emissora cinquentenária com sede em Manaus, afiliada à Rede Globo em cinco estados da Região Norte do país: Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre e Amapá. O núcleo de jornalismo investigativo da emissora foi criado em maio de 2017. Os jornalistas que compõem o núcleo trabalham na redação da Rede Amazônica, junto ao setor de Jornalismo.

A equipe é composta por duas pessoas fixas: o produtor César Nunes e o repórter Alexandre Hisayasu, que trabalham em Manaus. É deles a responsabilidade de conduzir investigações jornalísticas nessa afiliada da TV Globo. Eles contam com a colaboração do produtor Marcelo Marques, em Roraima, e do repórter Fábio Diniz, em Rondônia. No entanto, esse núcleo trabalha integradamente ao núcleo de rede da emissora, logo, o desenvolvimento de reportagens investigativas também tem o suporte secundário de produtores que trabalham nesse departamento, como Maria Isabel Costa da Silva e Luciane Marques. Esta última é chefe do núcleo de rede da Rede Amazônica em Manaus.

O núcleo investigativo da Rede Amazônica estreou com a reportagem que culminou na prisão de um vereador do município de Jutai, no Amazonas, acusado de se relacionar sexualmente com meninas entre 12 e 13 anos e de ter engravidado uma delas.

3 METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizamos o estudo de caso, que é um método qualitativo, baseado em pesquisa bibliográfica. Conforme Duarte e Barros (2017, p. 216), “trata-se de uma abordagem que considera qualquer unidade social como um todo, incluindo o desenvolvimento dessa unidade”. Assim, podemos dizer que o estudo de caso trabalha com o recorte de um fenômeno para entender este fenômeno por completo. São informações que precisam ser obtidas dentro da pesquisa para que se possa obter resultados a partir do que se deseja.

Como forma de delimitar o tema deste estudo, analisamos o processo de investigação da reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, exibida no Fantástico, programa da TV Globo, no dia 14 de novembro de 2021, e vencedora do 44º prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Contamos com a colaboração de jornalistas da Rede Amazônica que atuaram nessa investigação, destacando o surgimento da pauta, a apuração, a relação com as fontes, a negociação com as comunidades indígenas e as etapas seguidas até chegar à veiculação da reportagem.

Buscamos comparar etapas do processo de investigação jornalística com o objetivo de verificar as especificidades em fazer jornalismo investigativo na Amazônia. Lançamos a hipótese de que jornalistas investigativos que abraçam essa região imensa e com tantas características únicas enfrentam dificuldades relativas às características da Região Amazônica. Além disso, buscamos entender como ocorrem as etapas da produção jornalística investigativa na Rede Amazônica. Para fins de comparação e análise, aplica-se o método entre o núcleo investigativo da Rede Amazônica e o livro “A Investigação a partir de Histórias”, da UNESCO, que nada mais é do que um manual para jornalistas investigativos. Além disso, de outros autores como Cleofe Monteiro, Leandro Fortes e Solano Nascimento.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

Foram feitas entrevistas e coleta de documentação. Esse é o processo de organização de dados que deve constar neste método. De acordo com Duarte e Barros (2017, p. 230), é por meio da coleta de informações com as fontes envolvidas no fenômeno que se estuda que dados fundamentais para uma pesquisa podem ganhar legitimidade.

Foram feitos relatórios a fim de atestar aquilo que está sendo estudado. Duarte e Barros (2017, p. 233) afirmam que o relatório “é uma das fases que exigem maior esforço do pesquisador e deve ser iniciada o mais cedo possível, antes mesmo da fase de coleta e da análise de dados”.

Desse modo, esta pesquisa segue todos os passos determinados, entre eles a revisão dos relatórios e da própria pesquisa por outras pessoas que colaboraram para a realização do estudo. Ademais, este é um trabalho complexo que exige o máximo de atenção, cuidado e entendimento sobre o jornalismo investigativo e suas práticas na Amazônia.

4 O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO DO NÚCLEO DE JORNALISMO INVESTIGATIVO DA REDE AMAZÔNICA

Após três meses de análise e checagem de fatos sobre o modo de operar da emissora, é possível afirmar, primeiramente, que a equipe do referido núcleo está pautada em princípios éticos do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e que está de acordo com as teorias apresentadas nesta pesquisa. A Rede Amazônica foi fundada em 1972. Conforme consta no seu Código de Conduta — que é um documento interno da empresa ao qual tivemos acesso durante a pesquisa — a emissora segue a legislação e preza pela liberdade dos funcionários.

No dia 25 de março de 2022, foi exibida no Jornal Nacional uma reportagem que mostrou que a Câmara Municipal de Manaus gastou quase R\$ 640.000,00 em equipamentos de multimídia para os vereadores “divulgarem ações”. Esses equipamentos foram intitulados “kit selfie”. Nessa reportagem, o núcleo de jornalismo investigativo monitorou o Diário Oficial do Município, documento em que constavam as compras e que detalhava os materiais adquiridos.

No dia 18 de agosto de 2022, a Rede Amazônica mostrou no Jornal Nacional a floresta coberta por fumaça no sul do Amazonas. “Por quatro vezes, nós estávamos parados na estrada filmando focos de queimada e motoqueiros passavam. A gente entrava no carro e ia embora, com todos os cuidados para se evitar um ataque” (Hisayasu, 2022).

4.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

A “venda” de materiais investigativos para os programas da TV Globo também é uma estratégia financeira para que as pautas sejam financiadas tanto pela Rede Amazônica quanto pela Globo. O jornalista Alexandre Hisayasu é o repórter principal do núcleo de jornalismo investigativo. Há 24 anos, ele trabalha como jornalista investigativo, com passagens por vários veículos de comunicação de renome no Brasil.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

No núcleo investigativo da Rede Amazônica, as redes sociais são utilizadas como apoio para o recebimento de informações que podem virar pautas. O monitoramento de pautas ocorre rotineiramente e muitos canais de acesso a informações podem colaborar para isso, como Portais da Transparência, Diários Oficiais etc. A pauta também pode surgir de situações do cotidiano, exigindo que o “faro jornalístico” seja ainda mais apurado. “Pode ser de uma observação do dia a dia, de assuntos que nós vemos na internet, em blogs de notícias, de políticos etc. E tem também as fontes institucionais, como Ministério Público, Polícia Federal etc.” (Nunes, 2022).

Os jornalistas encontram evidências e provas que possam ajudar na apuração dos casos. No contexto da Região Amazônica, percebe-se maior dificuldade logística — impostos pelos desafios de acesso na região — e de relacionamento com as fontes. Este último fator porque a cultura do jornalismo investigativo ganhou força há pouco tempo, e, segundo Hisayasu (2022), as pessoas não estavam acostumadas com essa prática jornalística.

Ao chegar ao Amazonas, em 2017, o repórter investigativo Alexandre Hisayasu apresentou-se às instituições públicas que cuidam de investigações. Foi o meio de entrada que o jornalista conseguiu para começar a obter confiança das autoridades em seus trabalhos. No entanto, não basta apenas isso, pois as pautas estão nas ruas. “A pauta está nos olhos do repórter” (Hisayasu, 2022). “A fonte tem um certo interesse pelo assunto, assim como nós temos interesse pelo assunto. Então, vale muito do nosso ‘jogo de cintura’ saber jogar, e saber até onde vai o interesse de um e de outro” (Nunes, 2022).

As pautas de meio ambiente produzidas pela emissora amazonense tentam ser precisas ao máximo, relacionando dados e a realidade *in loco*. “Nós podemos afirmar categoricamente que mais de 80% das queimadas que tem na Amazônia são de origem criminosa” (Hisayasu, 2022).

As equipes externas e internas prosseguem o trabalho de investigação, evidenciando, portanto, as raízes do problema. Os gargalos na conexão de internet também estão presentes. E esse não é um problema específico de regiões que concentram queimadas, pois em toda a Região Amazônica existem lugares onde o sinal de internet inexistente. Para uma emissora de televisão esse é um grande problema, afinal, compromete o envio do material produzido.

4.2 MODUS OPERANDI

Na cobertura sobre o desaparecimento do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista brasileiro Bruno Araújo Pereira, em junho de 2022, as equipes da Rede Amazônica se revezaram, por vários dias, no Vale do Javari, no Amazonas, onde ocorreu o fato.

Podemos afirmar que nessa investigação jornalística o modo de operar da Rede Amazônica manteve seus cuidados e sua ética — isto é, respeita o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em especial, o Art. 4º, que ressalta o compromisso dos jornalistas com a verdade e com a divulgação correta dos fatos — principalmente por tentar conduzir uma investigação de constatação paralela à investigação da Polícia Federal e da Polícia Civil.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

O programa Fantástico, da TV Globo, exibiu a cobertura realizada pelo núcleo investigativo da Rede Amazônica. Todo o trabalho só foi possível devido à credibilidade da equipe para com as instituições que promoveram a investigação oficial e ao apoio da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA) e das demais fontes envolvidas e empenhadas em desvendar o que estava por trás do desaparecimento do jornalista e do indigenista.

A dificuldade de acesso à internet foi um grande problema para todos os jornalistas, pois a região tem lugares específicos onde é disponibilizado o sinal de internet. “Nós precisamos ter uma estrutura quando se fala em interior da Amazônia e tudo que está desconectado de Manaus. É tudo muito precário” (Silva, 2022).

Tabela 3

Etapas de investigação jornalística (Rede Amazônica)

1. Fonte;
2. Checagem;
3. Hipótese;
4. Levantamento de dados;
5. Apuração (fontes, entrevistados);
6. Planejamento de logística;
7. In loco;
8. Redação;
9. Edição de texto;
10. Edição da reportagem;
11. Revisão da reportagem;
12. Solicitação de notas;
13. Exibição.

Para que esse processo seja exemplificado em um caso real, focaremos na reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, que foi exibida no Fantástico em 14 de novembro de 2021. Na ocasião, a Folha de S. Paulo havia publicado a foto de uma criança yanomami em situação de desnutrição. A repórter Valéria Oliveira, do G1 em Roraima, conseguiu contato com um missionário que havia divulgado a imagem. Sendo assim, ele contou a ela que existiam outras várias crianças na mesma situação. Nesse mesmo dia, houve um ataque de garimpeiros à terra indígena Palimiú, que fica dentro da terra Yanomami. Oito indígenas ficaram feridos.

“Foram 30 dias intensos de reportagens sobre a situação vivida na comunidade Palimiú, e mostramos como o garimpo impactava na vida desses” (Oliveira, 2022). A partir desse momento, acendeu-se o alerta de que esse também era o cenário de outras muitas comunidades. Portanto, buscou-se checar a informação com os líderes das comunidades Yanomami. Ali, era o início de uma investigação.

Enquanto a apuração acontecia em Roraima, os membros do núcleo investigativo da Rede Amazônica em Manaus caminhavam com a apuração sobre o caso, e definiram o objetivo de ir até a terra Yanomami para mostrar o que estava acontecendo. Tendo a ideia de que a área estava sendo devastada pelo garimpo,

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

havia uma hipótese de que a saúde indígena estava sendo diretamente impactada por isso. A partir daí, foram quatro meses de apuração. A maneira mais viável foi por meio de uma carta-convite de lideranças indígenas.

Houve uma negociação entre os jornalistas e agentes da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) para que eles pudessem conseguir uma “carona” de avião até a terra indígena. Assim, a equipe de externa composta pelos repórteres Alexandre Hisayasu, Valéria Oliveira, Alexandre Pereira e pelo auxiliar técnico Henrique Filho passou 10 dias na primeira ida até o local. Foram visitadas as comunidades de Surucucu, Heweteu e Xaruna, que possuíam, à época, mais de 100 crianças em situação de desnutrição. “Nos deparamos com o cenário de abandono, falta de segurança, de falta de remédios, enfim, de falta de saúde” (Hisayasu, 2022).

A equipe tinha autorização da liderança indígena, que era também quem os acompanhava. Mesmo assim, houve pressão da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) durante toda a produção do trabalho para que os repórteres se retirassem do local. Os jornalistas ficaram abrigados na reserva indígena, onde a comunicação para fora era feita apenas por radiofonia ou orelhão. Enquanto isso acontecia no local, o restante da equipe em Manaus continuava o trabalho de apuração mesmo de longe, em busca de fontes e especialistas que pudessem colaborar com a reportagem.

Após o primeiro trabalho de gravações externas, quando a equipe já estava de volta para Manaus, o núcleo investigativo soube que haveria uma operação da Polícia Federal para combater o garimpo ilegal na reserva Yanomami. A partir daí, houve uma nova negociação, e os jornalistas conseguiram embarcar novamente para a área acompanhados da Polícia Federal. Nessa segunda fase, a equipe jornalística também passou cerca de 10 dias na região. Para a Rede Amazônica, a pauta custou cerca de R\$34.000,00. Contudo, esse valor não considera os investimentos que foram feitos também pela TV Globo.

Após a redação do material, o texto foi editado, e, cerca de 20 dias depois, o repórter Alexandre Hisayasu viajou para São Paulo — como determinação da direção do Fantástico — para auxiliar na edição da reportagem. O produto audiovisual teve duração de pouco mais de 16 minutos.

Tabela 4

Elementos da reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”.

1. Imagens do garimpo dentro da reserva indígena Yanomami;
2. Artes que posicionam geograficamente a terra indígena Yanomami e as comunidades citadas;
3. Entrevista com indígenas por intermédio de tradução de liderança indígena;
4. Entrevista com o procurador da república Alisson Marugal;
5. Imagens do posto de saúde e do hospital de internação de Surucucu, locais que estão visivelmente sucateados;
6. Imagens das crianças com malária e desnutrição da comunidade de Heweteu;

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

7. Entrevista com a pediatra e nutróloga da Unifesp Maria Paula de Albuquerque, via zoom;
8. Entrevista presencial com o missionário Carlos Zacchini;
9. Entrevista via zoom com o médico e pesquisador da Fiocruz Paulo Cesar Basta;
10. Imagens flagrantes de garimpeiros passando pelo território indígena;
11. Imagens aéreas da área de garimpo e das tendas dos garimpeiros;
12. Entrevista via zoom com o pesquisador do Imazon Antônio Galvan da Fonseca;
13. Imagens da comunidade Xaruna, onde indígenas também se encontravam em situação crítica;
14. Entrevista com Luciano Pohl, gerente de Povos Isolados de Recente Contato, setor ligado à COIAB;
15. Entrevista com Júnior Yanomami, presidente do Condisi Yanomami;
16. Nota do Ministério da Saúde;
17. Entrevista com Rômulo Pinheiro de Freitas, coordenador distrital de Saúde Indígena Yanomami;
18. Imagens da operação da Polícia Federal, com destruição de cinco garimpos;
19. Entrevista com Gilberto Kirsch Junior, delegado da Polícia Federal;
20. Entrevista com Luís Flávio Zampronha, diretor de Investigação e Combate ao Crime Organizado da Polícia Federal;
21. Entrevista com a técnica de enfermagem Maria das Dores;

Tabela 5

Etapas seguidas na produção da reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”.

22. Fonte;
23. Checagem;
24. Hipótese;
25. Levantamento de dados;
26. Apuração (fontes, entrevistados);
27. Planejamento de logística;
28. In loco;
29. Planejamento de logística;
30. In loco;
31. Redação;
32. Edição de texto;
33. Edição da reportagem;
34. Revisão da reportagem; 35. Solicitação de notas;
36. Exibição.

Os desafios são constantes. O próprio relacionamento com as fontes é um deles. “Aqui, as pessoas não estavam tão acostumadas com esse tipo de reportagem, onde nós nos apresentamos, garantimos o sigilo da fonte. Há uma demora para você conquistar a confiança dessas fontes” (Hisayasu, 2022). “Você investiga na Amazônia, e você continua morando na Amazônia. Diferente de você morar em outra região” (Oliveira, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo investigativo traz grandes contribuições à sociedade, como a promoção de debates sociais, o desmonte de crimes, colaborações relacionadas a investigações oficiais etc. Todas essas contribuições são importantes também na Região Amazônica, onde vivem quase 30 milhões de habitantes, em meio à disputa geopolítica sobre o controle da Amazônia, a secular violência sistêmica contra a região e seus povos, realizada pelo racismo como política hegemônica de desenvolvimento.

Confirmando a hipótese que deu início a esta pesquisa, comparamos o processo de investigação da Rede Amazônica ao proposto pelo manual da UNESCO para jornalistas investigativos e concluímos que os processos podem se diferenciar em algumas etapas, dependendo de quem o opera e da pauta a ser desenvolvida.

Durante a realização desta pesquisa, foi possível compreender que a prática jornalística investigativa na Amazônia é de fundamental importância para denunciar práticas ilegais, como desmatamento, violação dos direitos de indígenas, bem como o abandono da saúde, garimpo e afins. É importante também porque expõe a corrupção e crimes de diferentes naturezas.

Foi possível compreender também que os jornalistas na Amazônia se mostram vulneráveis a quaisquer tipos de situação, e, por isso, precisam dar passos cada vez mais cautelosos, trabalhando em equipe.

Este estudo possibilitou a este pesquisador a renovação do interesse pelo trabalho científico e despertou a busca por conhecimentos que abrangem a área do jornalismo investigativo. Ademais, a metodologia aplicada fortalece o compromisso com a área acadêmica, com o objetivo de dar esclarecimentos a respeito do processo de investigação jornalística na Amazônia.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Quem somos**. Disponível em: <<https://abraji.org.br/institucional/#quem-somos>>. Acesso em: 12 out 2022.

ABRAJI. **Abraji condena ataque a equipe da TV Centro América-MT**. Disponível em: <<https://www.abraji.org.br/noticias/abraji-condena-ataque-a-equipe-da-tv-centro-americano-mt>>. Acesso em: 13 out 2022.

ALBUQUERQUE, Liége. Tem Jornalismo Investigativo no Brasil, Sim! **Abraji**, 26 out. 2005. Disponível em: <<https://abraji.org.br/noticias/tem-jornalismo-investigativo-no-brasil-sim>>. Acesso em: 09 out. 2022.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; MELO, Valdinar Ferreira (orgs). **Roraima: Homem, Ambiente e Ecologia**. Manaus: INPA, 2010.

BRICKMANN, Carlos. **Corrupção velha de guerra**. São Paulo: Revista Imprensa, 1992.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. **Recomendações de segurança do CPJ: cobrindo a bacia amazônica.** 24 ago. 2022. Disponível em: <<https://cpj.org/pt/2022/08/recomendacoes-de-seguranca-do-cpj-cobrindo-a-bacia-amazonica/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. **Cobrir uma terra sem lei: jornalistas brasileiros sobre reportar na Amazônia depois dos assassinatos de Dom Phillips e Bruno Pereira.** 26 jul 2022. Disponível em: <<https://cpj.org/pt/2022/07/cobrir-uma-terra-sem-lei-jornalistas-brasileiros-sobre-reportar-na-amazonia-depois-dos-assassinatos-de-dom-phillips-e-bruno-pereira/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

COSTA DA SILVA, Maria Isabel. Entrevista concedida a Marcelo Fernando Pereira Moreira. 26 out. 2022.

EXTRA. **Relembra a morte de Tim Lopes, torturado e executado por traficantes da Vila Cruzeiro.** 22 set. 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/relembra-morte-detim-lopes-torturado-executado-por-trafficantes-da-vila-cruzeiro-24654674.html>>. Acesso em: 13 out. 2022.

FARIAS, Adriana (@adrianafariasjornalista). **Jornalismo na Amazônia: como fazer uma cobertura do zero, os desafios da investigação, vestimenta e equipamentos.** São Paulo, 17 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/Ce7C981h5lt/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Disponível em: <https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio.** 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2013.

FUND FOR INVESTIGATIVE JOURNALISM. **About.** Disponível em: <<https://fij.org/about-fij/>>. Acesso em: 30 set. 2022.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo.** São Paulo: Contexto, 2005.

G1. **Buscas a Bruno e Dom chegam ao sétimo dia. E testemunha relata ameaça sofrida pelo indigenista.** 11 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/11/buscas-a-bruno-e-dom-chegam-ao-setimo-dia-e-testemunha-relata-ameaca-sofrida-pelo-indigenista.ghtml>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

G1 AMAZONAS. **Bruno Pereira e Dom Phillips: a cronologia do caso, desde o início da viagem.** 15 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/06/15/bruno-pereira-e-dom-phillips-a-cronologia-do-caso-desde-o-inicio-da-viagem.ghtml>>. Acesso em: 27 out. 2022.

G1 AMAZONAS. **'Frescura custa caro', diz prefeito de Manaus sobre parada de ônibus que custou R\$ 207 mil.** 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/08/20/frescura-custa-carro-diz-prefeito-de-manaus-sobre-parada-de-onibus-que-custou-r-207-mil.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2022.

G1 AMAZONAS. **Vereador de Jutai, no AM, é acusado de promover encontros sexuais com adolescentes.** 07 ago. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/vereador-de-jutai-no-am-e-acusado-de-promover-encontros-sexuais-com-adolescentes.ghtml>>. Acesso em: 27 out. 2022.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

G1 – FANTÁSTICO. **Crianças yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico.** 14 nov. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/11/14/criancas-yanomami-sofrem-com-desnutricao-e-falta-de-atendimento-medico.ghtml>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

G1 – JORNAL NACIONAL. **Câmara de Manaus gasta quase R\$ 640 mil em equipamentos para vereadores divulgarem ações.** 25 mar. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/25/camara-de-manaus-gasta-quase-r-640-mil-em-equipamentos-para-vereadores-divulgarem-acoes.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2022.

GLOBOPLAY. **Caso Bruno e Dom: veja imagens exclusivas da reconstituição do crime no Vale do Javari.** Vídeo (7:00). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10766864/>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

GREENPEACE. **Quem somos.** Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/quem-somos/>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

HISAYASU, Alexandre. Entrevista concedida a Marcelo Fernando Pereira Moreira. 29 set. 2022.

HISAYASU, Alexandre. Entrevista concedida a Marcelo Fernando Pereira Moreira. 19 out. 2022.

HISTÓRIA GLOBO. **Fantástico refaz trajeto de Bruno Pereira e Dom Phillips.** 13 jun. 2022. Disponível em: <<https://historia.globo.com/especiais/amazonia/acompanhe/noticia/fantastico-refaz-trajeto-de-bruno-e-dom.ghtml>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos.** Montevideu. UNESCO Publishing, 2013.

INVESTIGATIVE REPORTERS & EDITORS. **About.** Disponível em: <<https://www.ire.org/about-ire/>>. Acesso em: 12 out. 2022.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística,** 2001. Recuperado de: <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Areportagem.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2022.

Le TOURNEAU, François-Michel; ALBERT, Bruce. Homoxi (1989-2004): O impacto ambiental das atividades garimpeiras na Terra Indígena Yanomami (Roraima). In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LINS, Fernando Antonio de Freitas. **Brasil 500 anos: a construção do Brasil e da América Latina pela mineração.** Centro de Tecnologia Mineral, 2000. Disponível em: <[http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/692/1/500anos_BLOCO I.pdf](http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/692/1/500anos_BLOCO%20I.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2022.

MAPBIOMAS. **Área ocupada pela mineração no Brasil cresce mais de 6 vezes entre 1985 e 2020.** 30 ago. 2021. Disponível em: <<https://brasil.mapbiomas.org/2021/08/30/area-ocupada-pela-mineracao-no-brasil-cresce-mais-de-6-vezes-entre-1985-e-2020/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

O processo de investigação jornalística na Amazônia: um estudo sobre o núcleo de jornalismo investigativo da Rede Amazônica

MAPBIOMAS. **O que é o MapBiomias**. Disponível em: <<https://mapbiomas.org/o-que-e-o-mapbiomas>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

MARQUES, Luciane. Entrevista concedida a Marcelo Fernando Pereira Moreira. 23 set. 2022.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

NUNES, César. Entrevista concedida a Marcelo Fernando Pereira Moreira. 31 out. 2022.

OLIVEIRA, Valéria. Entrevista concedida a Marcelo Fernando Pereira Moreira. 20 set. 2022.

OLIVEIRA, Valéria. **Desnutrição infantil, garimpo e Covid: entenda os problemas que afligem a Terra Indígena Yanomami**. G1 Roraima. 27 mai. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/27/desnutricao-infantil-garimpo-e-covid-entenda-os-problemas-que-afligem-a-terra-indigena-yanomami.ghtml>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PLANALTO. **Lei nº 11.685, de 2 de junho de 2008**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11685.htm#:~:text=Institui%20o%20Estatuto%20do%20Garimpeiro%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs&text=Art.,e%20deveres%20assegurados%20aos%20garimpeiros>. Acesso em: 23 out. 2022.

PLANALTO. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm>. Acesso em: 07 nov. 2022.

PRODES. **Portal de dados abertos**. Disponível em: <<https://dados.gov.br/dataset/prodes>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

UNESCO. **Página inicial**. Disponível em <<https://www.unesco.org/en>>. Acesso em 13 nov. 2022.

YOUTUBE. **Spotlight - Segredos Revelados**. Vídeo (2:09:08). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Na97M_8B_wo>. Acesso em: 28 ago. 2022.

YOUTUBE. **CNN Séries Originais - Transamazônica 50 anos - A estrada de lama**. Vídeo (45:37). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yda6wig41a0>>. Acesso em: 20 out. 2022.